

MULHERES EM MARCHA PELA DEMOCRACIA E CONTRA O NEOLIBERALISMO



Isadora Mendes

Somos **feministas anti-capitalistas** em luta por **igualdade e liberdade** para todas as mulheres.

O capitalismo patriarcal e racista se sustenta em relações de exploração, dominação e opressão. Não é possível que a igualdade e a liberdade seja uma realidade para todas as mulheres nesse sistema. Estamos em movimento para mudar a vida das mulheres e o mundo.

Nossa estratégia é a **auto-organização** das mulheres e a **aliança com os movimentos sociais.** Estamos organizadas desde o lugar em que vivemos e trabalhamos, mas conectadas com mulheres que resistem e lutam em todas as partes do mundo.

Somos estudantes, camponesas, negras, sindicalistas, lésbicas e diversas mulheres feministas que enfrentamos todos os dias a violência e a dominação do capitalismo patriarcal e racista.

NÓS MULHERES estamos em luta pela democracia e contra o neoliberalismo. O

golpe está impondo uma agenda de privatizações, de mais ajustes que desmontam os direitos e os serviços públicos, e intensifica a criminalização da pobreza e dos movimentos sociais em ações extremamente racistas. O neoliberalismo precisou atacar a democracia para se impor e usa a violência para se manter no poder.

Estamos em marcha para recuperar a democracia. Vemos todos os dias um jogo de poder baseado em algumas disputas e grandes acordos entre as elites reacionárias, na sua maioria homens brancos que são detentores poder econômico e midiático, e hegemonomizam o poder executivo, judiciário e legislativo.

Queremos votar em eleições diretas para presidente e definir os rumos das políticas com soberania popular.

Cada vez mais mulheres questionam o machismo e o racismo. Organizadas tomamos as ruas na luta por igualdade, autonomia e liberdade. Denunciamos o conservadorismo que ataca os corpos, os desejos e a vida das mulheres e é um dos aliados mais estratégicos do capitalismo neoliberal. Nós mulheres nos tornamos protagonistas nas ocupações de escolas e universidades em todo o Brasil, na luta pelo #ForaTemer e na resistência a todos os retrocessos e ataques aos nossos direitos.

AS MULHERES EXIGEM: DIRETAS JÁ!

Na luta pelas diretas já nos unimos a Frente Brasil Popular e a Frente Povo Sem Medo, junto a muitos movimentos sociais, artistas, sindicatos, coletivos e organizações diversas para dar um basta aos desmandos do governo golpista. A greve geral em 28 de abril parou o Brasil, em 24 de maio ocupamos Brasília e enfrentamos o autoritarismo de um Estado de exceção que usa a violência e a força contra quem luta. É preciso ampliar ainda mais nossa capacidade de mobilização para **barrar as reformas neoliberais, da previdência e trabalhista.** Estaremos organizadas e mobilizadas na greve geral do dia 30 de junho.



Helena Zelic
Isadora Mendes

O TRABALHO DAS MULHERES SUSTENTA A ECONOMIA!

As mulheres estão o tempo todo trabalhando.

Dentro de casa, cozinham, passam, limpam, cuidam, mas o trabalho doméstico só é visível quando não é feito. A economia como um todo e o bem estar das pessoas depende desse trabalho doméstico e de cuidado que as mulheres realizam todos os dias de forma não remunerada, e também depende do trabalho doméstico mal remunerado realizado sobretudo pelas mulheres negras e pobres.

O programa do golpe é impor a agenda neoliberal, e com isso, aumentar as desigualdades e reforçar o poder das grandes empresas e bancos. Manipulam as informações com notícias cheias de números, déficits e fórmulas para tentar justificar as propostas nefastas de reformas neoliberais. Enquanto eles implementam políticas de ajuste que reduzem o investimento do Estado na garantia de direitos como educação, saúde e seguridade social, o tempo e o trabalho das mulheres é usado como variável de ajuste. Ou seja, quanto menos acesso a direitos e renda, mais trabalho as mulheres têm, nas famílias, para dar conta das necessidades.

Questionamos a divisão sexual do trabalho que separa e hierarquiza os trabalhos de homens e mulheres. Queremos transformar o espaço público, mas também precisamos mudar essa realidade no espaço privado. Essa sobrecarga de trabalho e as estruturas das desigualdades de raça, gênero e classe fazem com que no mercado de trabalho as mulheres sejam maioria nos empregos terceirizados, precarizados, com jornadas super extensas e com maior rotatividade. Por isso nós mulheres estamos mobilizadas contra o desmonte da previdência e dos direitos trabalhistas.

NÃO EXISTE LIBERDADE, MUITO MENOS IGUALDADE, NO NEOLIBERALISMO

O neoliberalismo orienta as políticas econômicas, mas também atua sobre nossas subjetividades, desejos e relações. As pessoas são tratadas cada vez mais como mercadorias descartáveis, e movidas pelo individualismo.

O controle do corpo e da sexualidade das mulheres é um dos pilares de sustentação do patriarcado. Os desconfortos, violências ou processos de aceitação de cada mulher com seu corpo são marcados pela classe, pela raça e pelo gênero.

As imposições racistas e patriarcais sobre nossos corpos, aparência e comportamento nos torna quase sempre incompletas, inseguras. É como se nosso corpo precisasse ser corrigido e melhorado para se adequar às exigências da sociedade racista e machista em geral, e dos homens em particular.

NOSSO CORPO NOS PERTENCE! NOSSA AUTONOMIA NÃO SE VENDE!

Quando afirmamos nosso corpo como primeiro território, colocamos a luta pela autodeterminação e liberdade como uma disputa permanente.

Não aceitamos as falsas soluções que o mercado apresenta. A tentativa de esvaziar os conteúdos do feminismo em campanhas publicitárias para aumentar suas vendas nos indigna. Empresas de cosméticos passam uma maquiagem lilás em sua atuação: falam de empoderamento individual nas propagandas, mas baseiam seus lucros na imposição de padrões de beleza e na superexploração de milhares de mulheres que produzem e de milhões de mulheres que vendem seus produtos e não são consideradas trabalhadoras.

SOMOS MULHERES E NÃO MERCADORIAS!

As farmácias vendem livremente medicamentos que prometem alívio imediato para as dores físicas e psicológicas, desde dores de cabeça, musculares, até a ansiedade, a depressão, além dos remédios pra emagrecer. Mas enquanto os remédios são vendidos como soluções mágicas, as causas do mal estar ficam sem questionamento. As mulheres seguem submetidas a um cotidiano de ritmos intensos de trabalho pago e não pago, com julgamentos e desqualificações permanentes.

A luta feminista pela liberdade e a autonomia sobre o corpo carrega esse sentido integral de transformação. É uma luta pela autonomia das mulheres que envolve um processo permanente de ampliação da consciência feminista e desalienação do nosso corpo, vida e trabalho.

EM MARCHA POR UMA SEXUALIDADE LIVRE

Hoje em dia os discursos de liberdade sexual convivem com violência, estupro coletivo e corretivos, com *revenge porn* e outras manifestações violentas que nos mantêm em permanente tensão entre o prazer e o perigo. A hipersexualização convive com inibição e repressão, que leva as meninas a crescer sem conhecer seu primeiro território e sendo levadas a acreditar que é necessário enquadrar-se em estereótipos e padrões socialmente estabelecidos. A polarização entre santas e putas marca a formação da identidade das mulheres, e os julgamentos são constantes.

Essa realidade é ainda mais cruel para as mulheres negras, que enfrentam a solidão e a hipersexualização de seus corpos. Esse processo tem suas raízes na escravidão, com o estupro e violência sistemática das mulheres negras e também das indígenas. Hoje se reflete na visão de que, especialmente na juventude, as mulheres negras existem apenas para transar, e não para manter relações estáveis e de afeto mútuo, restando para estas a solidão.

O feminismo já questionou muito essa realidade, mas o mundo patriarcal e racista ainda trata as mulheres como corpos disponíveis para o prazer dos outros. A heteronormatividade ainda é fundamental para o controle do corpo, do trabalho e da sexualidade das mulheres, pois nega a diversidade, discrimina, pune e estigmatiza todas e todos que transgridem as regras impostas. As lutas feministas e LGBTs mudaram e continuam mudando a forma como a sexualidade é percebida e vivenciada.

CONHECIMENTO PRODUZIDO POR QUEM? PARA QUE? PARA QUEM?

A universidade é um espaço privilegiado para a disputa de pensamento, de hegemonia, de construção da sociedade que queremos. Historicamente elitizada, a democratização, interiorização e expansão das universidades durante os governos do PT possibilitou que mais mulheres, negras e pobres entrassem no ensino superior e em cursos das mais diversas áreas.

Apesar da divisão sexual do trabalho ainda ter um peso muito grande na escolha dos nossos cursos, carreiras e sonhos, é impossível ignorar o fato de que hoje as mulheres são maioria no ensino superior.

Nossa presença é fruto de muita luta, e precisamos mudar muito mais a dinâmica da universidade que também enfrenta ataques neoliberais. Em todo o país, as estudantes estão organizadas revelando o assédio e a violência que enfrentam todos os dias, com práticas discriminatórias, misóginas e racistas de professores e estudantes que marcam a nossa trajetória acadêmica.

Nossa experiência universitária é de resistência, luta e de um constante desafio de criatividade para romper com as determinações centradas nas experiências de homens brancos em todas as áreas de conhecimento. A história como é contada e a teoria como é sistematizada costuma ser enviesada e ter como referência a experiência de uma pequena parcela de homens da elite, em sua maioria brancos, para sedimentar uma visão de mundo que exclui uma parcela grande da população do poder, da fala, do lugar de sujeitos. As mulheres são invisibilizadas tanto no fazer teoria, como no construir a prática. É muito pequeno o número de referências mulheres e de países do sul que são reconhecidas nos diversos campos da academia.

As mulheres produzem conhecimento dentro e fora da academia, mas enfrentam a invisibilização e desqualificação. É preciso que nossa ação coletiva se reflita na aproximação de cada vez mais mulheres para a produção de conhecimento feminista, tendo como pontos de partida nossas vidas e a construção do bem viver. **As reflexões e práticas caminham juntas: as mulheres resistem e, a partir destas resistências cotidianas constroem experiências concretas de transformação feminista.**



MULHERES EM MOVIMENTO MUDAM O MUNDO!

O FEMINISMO MUDA A UNIVERSIDADE

A experiência feminista no movimento estudantil impulsionou a auto-organização das mulheres desde o primeiro Encontro de Mulheres Estudantes, em 2005, e junto com a democratização do acesso, também impulsionou a ampliação de grupos de pesquisas e disciplinas que estudam o feminismo em muitas universidades.

As mulheres e o feminismo marcam cada vez mais o movimento estudantil no Brasil, desde os coletivos feministas nos cursos, nas entidades do movimento estudantil de cada universidade e nas entidades gerais como UEE's e na UNE.

Mas ainda existe muita hostilidade, violência sexista e desqualificação dentro do movimento estudantil!

Conquistar a emancipação passa por muita luta e organização política, e isso pressupõe identidade coletiva. É isso que fazemos no movimento estudantil, reunindo jovens estudantes, que se organizam sob bandeiras comuns para combater o racismo e o machismo persistentes.

O feminismo é diverso e plural. Neste momento em que enfrentamos uma forte ofensiva neoliberal e conservadora, **nos colocamos o desafio de seguir juntas**. O capitalismo é extremamente violento quando vai dominar nossas subjetividades, nossos corpos, nosso trabalho e nossos territórios. Não nos contentamos com a incorporação de palavras dos nossos discursos pelo mercado, nem podemos correr o risco de fragmentar a nossa agenda frente as ameaças tão grandes que enfrentamos.

Lutamos pela legalização do aborto e pela autonomia sobre nossos corpos e nossa sexualidade, ao mesmo tempo em que resistimos às políticas de ajuste que aumentam o trabalho das mulheres com o cuidado. Exigimos mais creches públicas, mais empregos com direitos garantidos, mais moradia e reforma agrária. Queremos liberdade para todas, e isso significa também acabar com o controle militarizado de territórios em que a violência do Estado extermina a vida da juventude negra e pobre. Também significa enfrentar a justiça seletiva e o encarceramento da população negra.

Lutamos contra todas as formas de violência, desde o assédio, até os estupros e feminicídios e com essa luta denunciemos o patriarcado, suas velhas e novas estratégias para manter o controle e o domínio sobre a vida das mulheres.

Estamos todos os dias em movimento.

A horizontalidade, a ocupação dos espaços públicos, a irreverência e radicalidade são princípios que sempre marcaram o feminismo. O feminismo muda as práticas sociais e transforma nossa forma de ser e estar no mundo, mas o feminismo é muito mais do que comportamento. Nossa luta por liberdade e igualdade não pode ser reduzida a visões e práticas liberais e individualistas, que não incomodam e nem questionam as bases materiais do patriarcado capitalista e racista.

Apostamos na construção de um movimento auto-organizado, forte, amplo e posicionado, que seja capaz de interferir nos rumos da sociedade e garantir mudanças que alcancem a vida de todas as mulheres.

SEGUIREMOS EM MARCHA ATÉ QUE TODAS SEJAMOS LIVRES!